

A COLEÇÃO BRAZIL'S POPULAR GROUPS:

O “ARTESANATO” DE UMA NARRATIVA

RAFAELLA LÚCIA DE AZEVEDO FERREIRA BETTAMIO, FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Doutora e Mestre em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), especialista em História do Brasil Pós-30 pela Universidade Federal Fluminense (UFF), graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), servidora pública federal da Fundação Biblioteca Nacional desde 2006, onde ocupa o cargo de pesquisadora do Centro de Pesquisa e Editoração e coordenadora do Projeto Acervo de História Oral da FBN (AHO-FBN).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8903-0246>

E-mail: rafabettamio@gmail.com

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i31p238-267>

RECEBIDO

03/12/2020

APROVADO

28/10/2021

A COLEÇÃO BRAZIL'S POPULAR GROUPS: O “ARTESANATO” DE UMA NARRATIVA

RAFAELLA LÚCIA DE AZEVEDO FERREIRA BETTAMIO

RESUMO

A vultosa coleção microfilmada *Brazil's Popular Groups* foi organizada por mais de 30 anos pelo escritório de representação da Library of Congress (LOC) do Rio de Janeiro. A partir da coleta de materiais efêmeros – em sua maioria, pôsteres, panfletos e periódicos de pequena tiragem e curta duração –, a coleção apresenta cerca de 60 anos de história de um variado grupo de movimentos sociais brasileiros. Partindo do entendimento de que coleções resultam de processos de construção narrativa do colecionador, este artigo pretende dar visibilidade às distintas temporalidades e subjetividades que presidiram a historicidade e a construção narrativa da *Brazil's Popular Groups*, e, por fim, elucidar como ocorrem tais processos e de que forma as narrativas deles resultantes são enunciadas por coleções com dimensão pública.

PALAVRAS-CHAVE

Coleção, Colecionismo, Movimentos sociais.

THE BRAZIL'S POPULAR GROUPS COLLECTION: "HANDICRAFT" OF A NARRATIVE

RAFAELLA LÚCIA DE AZEVEDO FERREIRA BETTAMIO

ABSTRACT

The voluptuous microrecorded collection *Brazil's Popular Groups* was organized for more than 30 years by the representation office of the Library of Congress (LOC) of Rio de Janeiro. Based on the collection of ephemeral materials – mostly banners, flyers, and magazines with few printings and short lifetime –, the collection presents around 60 years of history of a varied group of Brazilian social movements. From the understanding that collections result from processes of narrative construction of the collector, this article intends to shed light to the distinct temporalities and subjectivities that headed the historicity and the narrative construction of the *Brazil's Popular Groups*, and, at last, show how those processes occur and how the narratives resulting from them are enunciated by public dimension collections.

KEYWORDS

Collection, Collecting, Social movements.

1 INTRODUÇÃO

Considerada a instituição cultural mais antiga dos Estados Unidos da América, a Library of Congress (LOC)¹ possui um acervo internacional incomparável. Os materiais reunidos em uma de suas coleções, a *Brazil's Popular Groups: a Collection of Materials Issued by socio-political, Religious, Labor and a Minority Grass-roots Organizations* (BPG), adquiriram novos signos ao longo do tempo. Diferentemente do que comunicavam e a quem se direcionavam antes, a partir do momento em que os folhetos, publicações seriadas e pôsteres relacionados a movimentos sociais brasileiros passaram a integrar a BPG foram-lhes atribuídas novas funções, entre as quais, contribuir com o processo de internacionalização do acervo da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos².

¹ A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos é considerada a maior biblioteca nacional do mundo “em espaço de armazenamento e número de materiais legislativos e jurídicos, filmes, mapas, partituras musicais e gravações sonoras”. (LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em: <https://www.loc.gov/about/general-information/>. Acesso em: 8 fev. 2018.)

² A biblioteca pessoal de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos entre 1801 e 1809, foi comprada pelo Congresso norte-americano em 1815. Com essa extensa coleção, a LOC amplia a noção básica sobre o tipo de referência e conhecimento que deveria fornecer. A diversidade passa a ser um dos fundamentos principais de suas políticas de colecionamento. Em meio à Segunda Guerra Mundial, a oficialização da dimensão internacional do acervo como um dos cânones institucionais foi o “marco necessário” para o crescimento exponencial de seu acervo internacional durante a Guerra Fria (1947-1991) (COLE, 2004, p. 45).

Na BPG, os materiais se tornaram prioritariamente fontes de pesquisa sobre a história política e social brasileira, permitindo relacioná-la com a de outros países e sociedades, uma vez que, na Library of Congress, existe grande quantidade de obras oriundas de diversos países do mundo. Todas fazem parte de fluxos contínuos de busca e intercâmbios internacionais firmados ao longo dos anos pela LOC num movimento deliberado de consagrar o seu lugar como a maior biblioteca global do mundo.

Bruno Latour enfatiza que as bibliotecas são como “o nó de uma vasta rede onde circulam não signos, não matérias, e sim matérias tornando-se signos” (LATOURE, 2000, p. 21). Essa noção se aplica com precisão a ela, onde os “fios” da BPG se entrelaçam aos de outras coleções estrangeiras e, no “nó” desse encontro, é construída permanentemente uma poderosa biblioteca nacional de escopo universal sem limites de tema, formato, idioma ou nacionalidade.

Sob o selo dessa grandiosa instituição, a BPG reúne materiais efêmeros variados, impressos por diversas organizações de grupos populares brasileiros. Todos apresentam pequena tiragem e curta duração, e foram produzidos no Brasil a partir da década de 1960. Apesar de a sua coleta ter sido iniciada apenas nos anos 1980, incidiu sobre documentos mais antigos. Desse modo, o conjunto inicial da BPG teve a periodicidade estipulada entre os anos de 1966 e 1986 – ressalta-se que, em 1966, a LOC fixou na cidade do Rio de Janeiro a sua primeira representação da América Latina, e, em 1986, encerrou a coleta de materiais referentes à primeira parte dessa coleção.

Após a organização inicial da BPG, o Rio de Janeiro Overseas Office³ continuou a reunir tais materiais, produzindo duas séries suplementares, referentes aos triênios de 1987-1989 e de 1990-1992. A partir de 1993, ele passou a produzir suplementos anuais para a coleção, assegurando a continuidade de sua produção até 2018, quando finalizou a organização do seu último suplemento, referente ao ano de 2016⁴.

Desde a primeira produção, os materiais da BPG são selecionados e organizados no Rio Office, localizado no Consulado Geral dos Estados

³ Ao longo do texto, o Rio de Janeiro Overseas Office será tratado por “Rio Overseas Office” ou, pela forma mais abreviada, “Rio Office”.

⁴ No final de 2017, o Rio Overseas Office, com o aval da LOC, fechou um acordo com a Princeton University Library com a finalidade de digitalizar os materiais sobre movimentos populares do Brasil coletados pelo Rio Office a partir de 2017, finalizando assim a produção da BPG. (LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em: <https://www.loc.gov/acq/ovop/rio/bpg/>. Acesso em: 23 nov. 2020).

Unidos do Rio de Janeiro. De lá, são remetidos para a sede da LOC, na capital Washington, onde, desde 1988, são microfilmados.

A microfilmagem possibilitou maior acesso, permitindo que a BPG se espalhasse por instituições de ensino e pesquisa do mundo, especialmente nos Estados Unidos. A Library of Congress produz e vende cópias da coleção para as instituições interessadas, favorecendo a sua presença em dezenas de universidades e institutos de pesquisa norte-americanos⁵.

O expressivo interesse dessas instituições se relaciona com o movimento de busca por fontes sobre a América Latina, África e Ásia desenvolvido nos Estados Unidos a partir dos anos 1950. Em meio ao acirramento da Guerra Fria, essa articulação ganha força com a publicação do *National Defense Education Act* (NDEA) em 1958, que formaliza a existência de uma ligação direta entre os campos da educação e da defesa nacional. A partir disso, observa-se nos Estados Unidos a formação de um campo intelectual (BOURDIEU, 1968) sobre a realidade política e social de países de todos os continentes que se instrumentaliza por incentivos educacionais financiados por programas relacionados ao NDEA e a outros dispositivos legais lançados à época.

Passaram a ser criados centros de estudos, bibliotecas especializadas e um sistema de colecionamento de documentos estrangeiros cada vez maior e centralizado, focado na efetiva produção de conhecimento político, cultural e econômico de outras nações – especialmente as que emergiam no cenário mundial e passavam a integrar o grupo do então nomeado terceiro mundo⁶ – de forma a instruir as políticas norte-americanas na nova esfera internacional que se formava.

Agente importante neste processo, a LOC teve financiamento público para abrir os Overseas Offices a partir da década de 1960, por meio dos quais estabeleceu centros de busca e catalogação de publicações locais, tendo como base acordos de cooperação efetuados com bibliotecas e editoras em dezenas de países. Assim lhe foi permitido dar grande salto na aquisição de materiais

⁵ Mais de 30 instituições norte-americanas que possuem a BPG em formato de microfilme estão relacionadas na base de dados da Library of Congress.

⁶ Na Conferência de Belgrado, em 1961, fica estabelecido que o termo “terceiro mundo”, até então relacionado ao sentimento anti-imperialista dos países não alinhados aos Estados Unidos ou à União Soviética durante a Guerra Fria, seria caracterizado pelas condições sociais e econômicas de miséria, ao passo que no grupo dos não-alinhados havia países em boas condições socioeconômicas, como a Suécia. (VIGEVANI, 1990).

estrangeiros e transmitir com agilidade as informações bibliográficas para bibliotecas de pesquisa conveniadas. Desse modo, já na década de 1970, vigorava extenso aparato para aquisição e catalogação de material bibliográfico no exterior protagonizado pela LOC e financiado por recursos decorrentes de programas governamentais estadunidenses.

A LOC chegou a gerir 21 escritórios pelo mundo. Apesar do fechamento gradativo de boa parte deles até o início dos anos 1980, o compartilhamento de dados bibliográficos internacionais continuou por meio das redes construídas e do investimento efetuado nessa direção. Nas regiões onde a LOC avaliou a necessidade da continuidade do trabalho de campo com equipe própria, os escritórios permaneceram em atividade. Assim, os Overseas Offices do Cairo, Islamabad, Jakarta, Nairóbi, Nova Délhi e Rio de Janeiro foram mantidos, contando com a contribuição financeira de bibliotecas norte-americanas interessadas nos materiais por eles coletados.

Além da grande rede de bibliotecas e institutos de pesquisa nos Estados Unidos da América, a BPG encontra-se também em instituições de outras partes do mundo. Na Europa, está na Biblioteca de Documentação Internacional Contemporânea, em Paris; no Instituto Ibero-americano de Berlim (Howard-Reguindin, 2005); e na Universidade de Essex na Inglaterra (Library of Congress, 2017). No Brasil, encontra-se na Biblioteca Nacional (BN) e, desde 2012, na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP).

Em 1990, o Rio Office doou para a BN cópias dos microfimes que integram a primeira parte (1966-1986) e a maioria dos originais da BPG. Desde então, na medida em que um novo suplemento era produzido, cópias eram doadas à BN, juntamente à maioria dos originais. E cerca de três décadas depois, a BN possui a coleção microfilmada quase completa, com exceção do segundo suplemento (1990-1992) e do correspondente ao ano de 2007.

Composta por folhetos, atas de congressos, livretos, publicações seriadas, entre outros materiais, reunidos sob o suporte do microfilme, a BPG é uma coleção atípica para os padrões de acervo da BN. Com formato fechado, estipulado pela sequência fixada em cada rolo de microfilme, não pode ser desmembrada. É uma situação que impõe limites e traz dificuldades à

sua adaptação ao acervo da instituição, caracterizado por ser organizado prioritariamente pela classificação do artefato de cada obra ou documento.

Enquanto pesquisador(a) da BN, foi esta inadequação ou mesmo este “não lugar” que me despertou o interesse pela BPG. A partir da leitura de seus microfilmes, alguns questionamentos originaram a necessidade de me aprofundar na pesquisa: por que o interesse da LOC por aqueles materiais? Como esses materiais foram coletados? Qual o tipo de seleção foi aplicado a eles? Em busca dessas respostas, desenvolvi a pesquisa de doutorado, inserindo-a no campo de estudos dos processos sócio-históricos de produção, circulação e institucionalização de artefatos culturais.

Com o desenvolvimento do estudo, compreender o processo de colecionamento e o lugar da BPG dentro da instituição que a produziu passou a ser uma necessidade. Foram esses os pilares da investigação de minha tese de doutorado (BETTAMIO, 2018)⁷, cujo terceiro capítulo é a base deste artigo.

Tendo em vista os condicionantes políticos, sociais e ideológicos que atuam sobre colecionadores e coleções ao longo de suas trajetórias, vislumbro, a partir de minhas conclusões da pesquisa sobre o processo de colecionamento da BPG, com destaque para as narrativas e significados que o envolvem, contribuir neste artigo para o debate sobre os estudos sociais das coleções. O propósito é chamar a atenção dos pesquisadores para como as construções narrativas das coleções patrimonializadas refletem e projetam seus colecionadores.

2 REFLEXÕES SOBRE O UNIVERSO DAS COLEÇÕES

Partindo da perspectiva histórica, traço um paralelo entre documento histórico e coleção para avançar no estudo. Nesse sentido, Jacques Le Goff é uma referência ao tratar sobre o caráter monumental dos documentos, iluminando, por analogia, o das coleções:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. Resulta do

⁷ Entre 2016 e 2017, a bolsa FAPERJ de doutorado sanduíche me permitiu pesquisar documentos do arquivo institucional da LOC e entrevistar agentes da instituição.

esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (LE GOFF, 1996, p. 538).

Destaca-se a necessidade de “desmontar” ou identificar os elementos que conduziram o processo de construção narrativa da BPG. Compreender esse processo mostrou-se essencial e adentrar no universo dos estudos clássicos sobre coleções e colecionamentos imperativo. Desse modo, além de Krzysztof Pomian, Jean Baudrillard e Susan Pearce, que trouxeram algumas das bases primordiais à análise, outros autores também mobilizaram ferramentas essenciais em meio ao amplo espectro de estudos sobre documentos e acervos.

Ann Laura Stoler, ao escrever sobre a prática de pesquisa antropológica em arquivos coloniais, faz elucidações que, guardadas as devidas diferenças, podem ser aplicadas na tarefa de compreender as coleções e os interesses envolvidos na lógica de sua produção. Stoler destaca que, para se conhecer um arquivo e entender como agentes sociais exercem poder sobre ele, é necessário conhecer suas regularidades, lógica de recordação, densidade e distribuição, consistências e faltas de informações, omissões e erros. Fica evidente a necessidade de se ler em favor da corrente do arquivo – *along the archival grain* – para depois realizar uma leitura a contrapelo – *against the grain* (STOLER, 2002, pp. 99-101).

Ainda que influências alheias ao colecionamento – relacionadas aos destinos e usos da coleção, por exemplo – construam significados distintos para seus artefatos, é inegável que o sistema no qual se consolida a continuidade da coleção ao longo do tempo lhe confere uma identidade. Essa identidade está associada à “memória material” do conjunto colecionado. Cunhada pelo arqueólogo Laurent Oliver, a noção de “memória material” ilumina elementos internos às coleções que são fundamentos de suas identidades.

O antropólogo Johannes Fabian salienta que os “itinerários” e “histórias de vida” das coleções devem ser usados para possibilitar a apreensão de seus aspectos essenciais, tais como suas identidades materiais e temporais específicas, destacando, por exemplo, os “atos de colecionar [coletar]” como eventos (FABIAN, 2010, p. 66). As noções sublinhadas por Fabian ajudam a pensar a BPG, sobretudo porque, apesar de constituída por materiais

bibliográficos reunidos por uma biblioteca, provém de um colecionamento similar ao etnográfico, já que as apropriações são efetuadas a partir de “encontros” durante viagens a campo.

John Kuo Wei Tchen também apresenta aspectos cruciais ao destacar que a prática da curadoria em uma instituição de memória ou pesquisa nunca pode ser considerada inabalável pelas formulações historicamente incorporadas pelo curador e pelas relações de poder institucionais. Ele ressalta que os diferentes usos que o trabalho de curadoria assume em espaços e tempos diversos sugerem um persistente jogo entre condicionantes internos e externos às instituições e aos agentes envolvidos, o que resulta numa inovação a cada prática e a cada formulação (TCEHN, 2013, p. 7). Relacionando essa atividade ao processo de colecionamento, evidencia-se que ambos não podem ser tecnicamente controlados, pois são livres de condicionantes sociais e políticos, das influências culturais de cada instituição ou mesmo das idiosincrasias dos agentes envolvidos nesses processos, uma vez que estão em constante ressignificação.

Em diálogo com a análise de Mieke Bal (1994), fundamenta-se aqui os principais aspectos do processo de construção narrativa encerrado no colecionamento da BPG. Bal propõe entender o próprio processo de colecionamento como uma narrativa. Para ela, o fato de o evento inicial do colecionamento ser sempre arbitrariamente contingente e acidental já o torna uma narrativa, uma vez que apenas retrospectivamente, por meio da construção discursiva de uma sequência de eventos, pode a acidental aquisição do primeiro objeto passar a ser o início de uma coleção.

A partir da concepção de Bal foi possível iluminar construções narrativas conferidas à BPG pelos agentes envolvidos em seu colecionamento. Em contraponto ao olhar *along the grain*, lançado inicialmente sobre a BPG para compreendê-la enquanto coleção, este artigo concentra-se em analisar a BPG *against the grain* (STOLER, 2002), desnaturalizando a narrativa apresentada. A lógica é fazer uma leitura a contrapelo, analisando a construção narrativa do seu colecionamento.

Tendo em vista o alcance internacional dos microfilmes da BPG e partindo do entendimento de que coleções resultam de processos de construção narrativa de seus colecionadores, a questão que norteia este artigo é como se dão tais processos construtivos e de que forma as narrativas

deles decorrentes são enunciadas por coleções com dimensões públicas. A BPG é o objeto do estudo e o objetivo é tornar compreensíveis as distintas temporalidades e subjetividades que presidem à produção de coleções, dando visibilidade às historicidades e aos processos de construção narrativa que as envolvem.

Ao focar no processo narrativo do colecionamento da BPG, pretende-se elucidar sobre como certos sentidos e significados são produzidos e atribuídos a coleções e a seus colecionadores ao longo do tempo e como seus materiais são ressignificados no decorrer desse processo.

Os materiais da BPG foram coletados de maneira contingente por bibliotecários do Rio Office em viagens periódicas pelo Brasil. Microfilmados, esses materiais constituem uma coleção do colecionador e, ao mesmo tempo, das instituições que os obtiveram por meio de compra ou doação. Para analisar o processo de colecionamento da BPG sem perder de vista essas e outras peculiaridades que o caracterizam, dispor de conceitos e noções acerca do colecionismo cunhadas em diferentes áreas das Ciências Humanas pareceu o caminho mais assertivo.

Pedra angular em análises acerca das coleções, a categorização elaborada por Pomian não poderia deixar de ser um ponto de partida. Tendo em vista que o mundo das coleções privadas e o dos museus apresentam muitas diferenças, Pomian salienta o que ambos têm em comum, afirmando assim que toda coleção é formada por:

[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1984, p. 53).

O autor aponta para um paradoxo intrínseco às coleções: a obrigatoriedade de suas peças serem mantidas temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas e, ao mesmo tempo, serem consideradas objetos preciosos, estando submetidas à proteção especial e tendo um valor monetário atribuído. Segundo ele, elas apresentam “um valor de troca sem terem um valor de uso”, já que, a princípio, não são compradas para ter uma utilidade e sim para serem expostas (POMIAN, 1984, p. 53).

Nesse ponto, evidencia-se um paralelo entre esta categorização com um dos elementos apontados por Baudrillard sobre o advento do

coleccionismo: “o objeto desprovido de sua função” (BAUDRILLARD, 1994, p. 8). Ele destaca o afastamento do sentido utilitário dos objetos como um dos requisitos necessários a uma coleção, uma vez que qualquer objeto pode ter apenas duas funções: a de ser utilizado ou a de ser possuído.

Com relação à BPG, a inadequação da definição de Pomian é evidente. Formada por materiais microfilmados, com cópias destinadas à venda, esta coleção possui claramente valor de troca e de uso. Sua produção é pautada pelo uso, uma vez que o suporte do microfilme, além de favorecer a venda de cópias, permite que as publicações originais sejam em grande parte descartadas pelo colecionador sem que ele abra mão de possuir a coleção. O suporte do microfilme engendra então uma utilidade prática ao mesmo tempo em que imprime um ordenamento interno peculiar à coleção, menos permeável a intervenções externas, constituindo uma identidade fortemente atrelada ao colecionador.

Para Baudrillard, em toda coleção invariavelmente existirá uma sucessão de objetos, bem como um conjunto total, cujo agrupamento marca o cumprimento da missão do colecionador. É essa necessidade que caracterizaria a posse de um objeto como satisfatória e, ao mesmo tempo, frustrante: a noção de que existe um conjunto de objetos a que ele pertence empresta ao objeto uma extensão além dele mesmo e isso contraria seu estado solitário, único, peculiar. Um padrão de conexões e correlações mais ou menos complexo se torna vital para que o objeto alcance um grau de abstração suficiente para ser recuperado pelo colecionador que assim rege o seu sentido de posse e sustenta a necessidade serial da coleção (BAUDRILLARD, 1994, p. 8).

A partir dos relatos de Carmen Muricy e Lygia Ballantyne, bibliotecárias do Rio Office que trabalharam na primeira formação da BPG, sabe-se que, até pelo menos o início da década de 1980, as publicações efêmeras de grupos populares eram despreziosas e ocasionalmente reunidas no Rio Office. Não havendo ainda a intenção de torná-las objetos de coleção específica, aquele momento inicial constituiria, de acordo com Baudrillard, o estágio anterior ao colecionamento da BPG. Posteriormente, quando, aos olhos de agentes do Rio Office, tais materiais passam a formar um conjunto com características comuns visíveis e há a decisão de mantê-lo e ampliá-lo, a acumulação em série se inicia e o colecionamento da BPG passa a existir concretamente.

Segundo Baudrillard, o colecionamento costuma emergir por uma orientação cultural, com objetos associados a projetos humanos singulares, mas que, por se referirem permanentemente um ao outro, remetem também, no interior de sua órbita, à dimensão externa de relações sociais e humanas. Pondera, entretanto, que, mesmo nos casos em que motivações externas continuam fortes, a coleção não existiria sem uma sistemática interna, havendo assim um compromisso entre os dois aspectos: o externo e o interno. Destaca que, apesar de a coleção estar apta a falar com os outros, é, antes de tudo, sempre um discurso para si mesma, o que é evidenciado pelo aspecto serial de sua motivação. Categoriza então a distinção entre dois tipos de motivação, a do interesse real e a do serial, que coexistem. Desse modo, ressalta que o real motivo de uma mera acumulação transcender e tornar-se uma coleção não se restringe apenas à sua existência culturalmente complexa, mas à sua incompletude característica (BAUDRILLARD, 1994, pp. 22-23)

Para Pomian, a principal qualidade atribuída a uma coleção diz respeito à sua exposição. Independentemente de a quem a coleção esteja destinada, o que lhe confere sentido é a percepção de que seus objetos, quando expostos ao olhar, ligam o observador a uma dimensão invisível ali representada: situações passadas, mundos distantes ou dimensões sagradas. Seria esse poder de comunicação o que torna os objetos de uma coleção *semióforos* (POMIAN, 1984, p. 68).

A categoria semióforo destaca o papel desempenhado pelo colecionador, uma vez que realça o fato de a representatividade atribuída aos objetos estar sempre relacionada a escolhas feitas por ele. Os semióforos revelam que a representação do “invisível” por meio dos objetos decorrerá sempre de escolhas do produtor da coleção. Para promover essa interação entre tempos e/ou culturas distantes, os objetos colecionados são organizados seguindo uma narrativa, um fio condutor capaz de lhes atribuir significados e configurá-los como mediadores entre realidades distintas.

Se, para Pomian, essa linguagem engendra o invisível, impondo a percepção de que o objeto que se vê em uma coleção é apenas um fragmento do que existe ou existiu, para Mieke Bal ela tem como núcleo a subjetividade narrativa. Partindo da teoria literária, Bal considera que as coleções são um tipo de narrativa. Ela também encara o colecionamento como um processo em que objetos, ação subjetiva e confronto são eventos. Esses três elementos,

para ela, definem o trabalho narrativo e tornam possível a interpretação do significado do colecionamento em termos narrativos. Acreditando na potencialidade dessa abordagem para clarear aspectos que tendem a ser negligenciados em análises sobre coleções, Bal discute colecionamento como uma narrativa em si mesmo e não como um processo que se presta a ser narrado (BAL, 1994, pp. 98-100).

Susan Pearce, ao apresentar algumas das bases da noção de coleção na tradição europeia, conclui que as coleções ocupam posição particular no processo de valoração, atribuindo valor especial à imaginação e menor à necessidade – ou à utilidade – dos objetos. Tendo em vista os variados tipos de coleções existentes, Pearce pondera que demarcar estritamente a categoria seria errado e inútil para o entendimento de sua dinâmica. Resolve a equação atribuindo às escolhas do colecionador o papel central no processo do colecionamento, já que nelas se abriga a natureza dupla desse processo, representada pela seleção e pela atribuição de valor (PEARCE, 1995, p. 27).

Convergente, a caracterização de coleção apresentada por Roger Cardinal também posiciona centralmente o papel do colecionador. Destaca que o discurso narrativo cria a noção de conjunto para um grupo de materiais com origens completamente distintas e é a partir dele que a coleção se forma (CARDINAL, 1994, p. 71).

3 A BPG AGAINST THE GRAIN

À luz dos autores apresentados, evidencio aqui como o colecionamento da BPG é norteado pelo discurso do colecionador. Nesse movimento, as ferramentas discursivas apresentadas por Bal são elementares para a análise do colecionamento da BPG enquanto narrativa.

Conforme destaca Bal, a narrativa é um relato em um sistema semiótico no qual uma sequência subjetivada de eventos é apresentada e comunicada. Enquanto o enredo é caracterizado por uma série de eventos experimentados pelos agentes e os agentes (sujeitos da ação) são atores, o enredo subjetivado é a história contada por meio de sinais de fácil compreensão (palavras, gestos, imagens ou objetos de uma coleção) e o sujeito semiótico é o narrador, que é quem produz ou conta a história. O enredo tem, necessariamente, começo, meio e fim. A história pode, cuidadosamente, manipular esta ordem. Afinal, através da estrutura narrativa, pode

inverter o início e o fim, ou mesmo o início e o meio, conforme ocorre na estrutura *in media res*, manipulação na qual a história parte do meio da trama. Com frequência, a sequência de eventos se apresenta de forma misturada na narrativa, logo, ao considerar o colecionamento uma narrativa, Bal chama a atenção justamente para a não obviedade de sua cronologia (BAL, 1994, pp.100-101).

Um objeto pode ter sido o primeiro a ser adquirido, mas, quando isso ocorreu, ele não foi colecionado – foi meramente comprado, dado ou encontrado e mantido porque era, de alguma maneira, gratificante. Com relação ao enredo do colecionamento, o evento inicial é arbitrariamente contingente e acidental e é justamente isso que torna o colecionamento especificamente uma narrativa, pois apenas retrospectivamente, por meio da manipulação de uma sequência de eventos, pode a acidental aquisição do primeiro objeto se tornar o seu “início”. No enredo, essa aquisição corresponde à pré-história do colecionamento. Na história do colecionamento, contada *in media res*, ela é apresentada como o início, pois o que importa nesse tipo de narrativa é o significado da ação.

A coleta passa a significar colecionamento quando uma série de compras ou doações se torna uma sequência significativa, expressiva. Este é o momento em que o narrador autoconsciente, ou colecionador, começa a “contar” a história, guiando-a a partir de seu ponto de vista.

3.1 Temporalidades narrativas

Tal qual em histórias contadas *in media res*, o início do enredo da BPG não corresponde exatamente ao ano de tiragem dos primeiros documentos nela apresentados, como supõe a periodicidade indicada junto ao seu título principal (o período de 1966-1986). Apesar dos primeiros materiais que compõem serem da década de 1960, a coleta desses foi iniciada somente nos anos 1980, quando Lygia Ballantyne ocupava o cargo de *field diretor* do Rio Office:

É um fato que o escritório só começou a coletar este material em 1984 ou 1985, durante as “Diretas Já”, quando as manifestações populares se tornavam mais visíveis no Rio, mas a verdade é que os grupos existiram muito antes disso, como prova o fato de que os folhetos que coletamos retroativamente tinham data de publicação de vinte anos antes do final da ditadura militar (BALLANTYNE, 17 abr. 2017).

Informação semelhante é apresentada no folheto sobre a BPG entregue aos visitantes do Rio Office, cujo acesso é restrito, devendo ser autorizado previamente:

Em 1984, o escritório da Library of Congress começou um esforço sistemático para identificar, localizar e contatar grupos de editores não-comerciais, cuja produção poderia ser de utilidade para pesquisadores interessados nos estudos dos movimentos sociopolíticos brasileiros de base. (LIBRARY OF CONGRESS OVERSEAS OFFICE RIO DE JANEIRO, 2017).

Entretanto, na *webpage* que o Rio Office mantém sobre a BPG, apresentando-a aos pesquisadores e às instituições interessadas na compra de seus microfilmes, a coleção é definida da seguinte forma:

The collection makes accessible to researchers a body of primary materials, mostly non-commercially produced and difficult to acquire and obtain, which is basic to the study of grass-roots political and social movements in Brazil.

The initial collection, Brazil's Popular Groups: 1966-1986, was conceived as a means of documenting popular movements which grew during the period of Brazilian military rule (1964-1984) and after the inauguration of Brazil's New Republic in 1985. The twenty-year retrospective collection is followed by supplements for 1987-1989, 1990-1992 and annually thereafter (LIBRARY OF CONGRESS OVERSEAS OFFICE RIO DE JANEIRO, 2017)⁸.

A introdução encontrada nas páginas iniciais do primeiro rolo de microfilme da BPG segue esse mesmo padrão: os anos relativos ao trabalho de coleta não são mencionados e o período de produção e distribuição das publicações colecionadas é motivo de destaque:

Brazil's Popular Groups, also referred to as "movimentos populares" or popular movements, consist of diverse political - action organizations

⁸ "A coleção torna acessível aos pesquisadores um corpo de materiais primários, em sua maioria produzidos fora do circuito comercial e de difícil aquisição e acesso, que se faz essencial para o estudo dos movimentos políticos e sociais no Brasil. A parte inicial da coleção, *Brazil's Popular Groups: 1966-1986*, foi concebida como um meio de documentar os movimentos populares que cresceram durante o período do regime militar brasileiro (1964-1984) e após a inauguração da Nova República do Brasil, em 1985. Os primeiros 20 anos que a coleção traz em retrospecto é seguido pelos suplementos relativos aos períodos 1987-1989, 1990-1992 e anuais de 1993 em diante." (LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em: <https://www.loc.gov/acq/ovop/rio/bpg/index.html>. Acesso em: 23 nov. 2017. Tradução da autora).

which seek to organize, represent and defend the masses and minorities of the country. [...] Foremost among the organizations represented in this collection are the works of the Catholic Church whose social, political and educational role in Brazil is increasingly documented by a large number of the popular grass-roots organizations covered to this collection. [...] The material in this collection document both these aspects of the Church's activities in Brazil during the most rigid years of the military regime. They also cover the period of gradual liberalization of the regime under President Geisel and Figueiredo (1975-1985), the emergence of new political parties, re-establishment of direct elections for Congress and later for Governorships, strengthening of the independent labor movement, transition to civil rule under President, and election of a Constitutional Assembly in October 1986 (LIBRARY OF CONGRESS OVERSEAS OFFICE RIO DE JANEIRO, 1988).⁹

Enquanto nos canais mais acessíveis, o período, o modo de coleta e a origem dos materiais da BPG são negligenciados, o fato de muitos terem sido produzidos por grupos de resistência durante os anos do regime ditatorial é destacado. A narrativa do colecionador silencia assim sobre a atitude de colecionamento, moldando a sua história.

Apesar de o ano de 1966 ter sido escolhido como o ponto de partida para a periodicidade da BPG, apenas quatro documentos produzidos nessa década estão presentes na primeira parte da coleção, sendo o mais antigo produzido ainda no ano de 1962¹⁰. O restante dos materiais se enquadra nas décadas de 1970 e 1980. Desse modo, fica evidente que a menção ao ano de 1966 no título da coleção e a ideia de que a coleta da primeira parte da BPG abarca o período de 1966 a 1986 são frutos de uma invenção narrativa.

Essa “ilusão cronológica” serve também para pensar em que medida as categorias que classificam os materiais da coleção são tributárias do momento de sua produção (1984-1985) e em como uma coleta que tivesse

⁹ “Brazil’s Popular Groups, também chamados de “movimentos populares”, são constituídos por diversas organizações de ação política que buscam organizar, representar e defender as massas e minorias do país. [...] Em primeiro lugar, entre as organizações representadas nesta coleção estão as relacionadas à Igreja Católica, cujo papel social, político e educacional no Brasil era cada vez mais documentado por um grande número de organizações populares de base. [...] O acervo da coleção documenta aspectos das atividades da Igreja no Brasil durante os anos mais rígidos do regime militar. Também cobre o período de liberalização gradual do regime do presidente Geisel e Figueiredo (1975-1985), o surgimento de novos partidos políticos, o restabelecimento das eleições diretas para o Congresso Nacional e, posteriormente, para os governos estaduais, o fortalecimento do movimento operário independente, a transição ao governo federal civil e a implantação da Assembleia Constituinte, em outubro de 1986.” (Tradução da autora)

¹⁰ *Mensagem à nação* (1962), da Comissão Central da CNBB, é o mais antigo panfleto da BPG.

se iniciado de fato em 1966, além de produzir um conjunto mais robusto de materiais sobre os anos 1960, poderia contemplar outros temas e outras nomenclaturas. Essa perspectiva ganha mais nitidez ao ser evidenciado que em meados da década de 1980, quando a BPG passou a ser produzida, os movimentos sociais no Brasil se consolidavam como um “novo sujeito”, expressão cunhada por Eder Sader para caracterizar a ascensão desses movimentos durante as décadas de 1970 e, principalmente, de 1980.

Em decorrência da primeira década da ditadura – período em que o poder de controle e dominação do regime militar oprimiam as principais formas de resistência da sociedade –, as instituições com maior representatividade social (Igreja, sindicatos e partidos de esquerda) passavam por crises e procuravam novas vias para restabelecer relações com a sociedade. Em meio ao enfraquecimento dessas entidades, movimentos sociais surgiram, outros se fortaleceram e muitos deles optaram por modelos de organizações distintos dos tradicionais, reivindicando reformas no Estado e na sociedade a partir de novos discursos e práticas. O núcleo dos materiais reunidos pela BPG se refere claramente às ideias e às formas de ação desses “novos sujeitos” (SADER, 1988). A narrativa do colecionador, ao fazer supor que o processo de colecionamento teria se iniciado ainda na década de 1960 – quando tais grupos ainda não eram tão diversos e representativos –, pode ser descortinada também pelo anacronismo que evoca.

Pautada pelo intuito de associar o início dos trabalhos gerais do Rio Office e os anos em que os documentos reunidos foram produzidos, o período 1966-1986 conduz o observador a acreditar numa concomitância entre o trabalho de coleta dos materiais da BPG e a atividade do escritório. Obviamente essa associação só pode ser feita por aquele observador familiarizado com a trajetória e os trabalhos desenvolvidos nos escritórios que a LOC mantém no exterior, o que leva a crer que essa narrativa está voltada, principalmente, para o interior da própria instituição, visando o reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo Rio Office. Em suma, a periodicidade atribuída à BPG sugere uma estreita relação entre a coleção e o colecionador, construída de forma a relacionar a existência da BPG à do escritório do Rio, promovendo-o institucionalmente e, em menor escala, entre as bibliotecas que se interessam pelos microfilmes da coleção.

Com a ajuda de artifícios narrativos, os agentes do Rio Office instrumentalizaram a BPG, expondo-a na vitrine de resultados e projetando-a como uma fonte “rara” sobre o Brasil, capaz de ampliar o capital do acervo internacional da LOC e, por decorrência, aumentar o reconhecimento do escritório. Desde a sua inauguração, o Rio Office é responsável por reunir bibliografia produzida no Brasil, mas, inicialmente, sem a prerrogativa de recolher materiais efêmeros de movimentos sociais. Na década de 1980, com a ideia de criar a BPG, a busca por esses artefatos passou a fazer parte do escopo de trabalho. A variedade geográfica, dificuldade ao acesso e a inconstância na produção dos materiais reunidos na BPG sustentaram a necessidade da LOC de manter um escritório no Brasil com funcionários capazes de buscá-los *in loco*. O recurso de periodicidade utilizado na BPG é um exemplo de como artifícios narrativos são capazes de refletir pensamentos e aspirações do narrador/coleccionador.

É interessante notar também que, enquanto na primeira parte da BPG o Rio Office atribuiu periodicidade relacionada ao momento de produção dos documentos e, ao mesmo tempo, ao período de existência do próprio escritório (1966-1986), nos suplementos lançados posteriormente o intervalo de tempo associado passou a corresponder ao momento de coleta efetiva dos materiais apresentados. A periodicidade atribuída ao primeiro suplemento da BPG é 1987-1989, em referência à coleta, apesar de muitos documentos nele apresentados serem anteriores – sendo os mais antigos datados de 1979. Essa mesma configuração ocorre nos suplementos seguintes, os quais, apesar da periodicidade destacada ser crescente e sequencial, trazem documentos do final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Ao longo de toda a BPG, a periodicidade é, portanto, um dos artifícios narrativos acionados pelo coleccionador para reafirmar institucionalmente o seu espaço, reiterando, a cada novo suplemento, a importância de seu trabalho.

A periodicidade assumida pelo narrador produz também a noção de exaustividade, fundamental para o empreendimento da coleção, uma vez que a designação linear (sempre para frente no tempo) e seriada (com um conjunto sucedendo imediatamente ao outro) visa produzir a ideia de completude das informações. Afinal, se a narrativa destacasse a presença de documentos anteriores, evidenciaria que as partes precedentes não estavam completas, ressaltando as suas “lacunas”. A busca do coleccionador por criar

uma aparente integralidade para a BPG encontra obstáculo no suporte do microfilme. Ao dificultar inclusões ou outros tipos de intervenção posteriores, o microfilme acaba expondo as falhas da coleção, o que não acontece no colecionamento de documentos originais, permitindo ao colecionador intervir na sequência, alterando a qualquer tempo a ordem que estipulara inicialmente. O ato de inclusão de documentos antigos em suplementos mais recentes ao mesmo tempo em que demonstra o compromisso do colecionador com a completude, expõe fragilidades, as quais tenta minimizar por meio de recursos narrativos.

Diante dos limites impostos pelo suporte do microfilme, ao invés de informar a periodicidade dos materiais de cada conjunto, o colecionador opta por “confundir” o pesquisador. Desse modo, a periodicidade determinada para cada conjunto produzido não contempla todos os materiais do fragmento da coleção a que corresponde. O compromisso do colecionador com a completude se manifesta no fato de ele adicionar materiais anteriores aos períodos estipulados para cada conjunto da BPG. Porém, o seu comprometimento parece ser maior com uma narrativa sequencial e linear que associe claramente a coleção ao colecionador, o Rio Office, promovendo-o, mesmo que para isso precise dificultar o trabalho do pesquisador.

O fato de a coleta ter sido iniciada entre os anos 1984 e 1985 não significa que a coleção tenha começado naquele momento. A impossibilidade de prever em qual momento e quais objetos cairão sob o feitiço do colecionamento é real, visto que o afã que norteia esta atitude apenas se torna compreensível após ter se desenvolvido suficientemente a ponto de se tornar notável. É da natureza desse dele ser cumulativo e apenas poder ser reconhecido de forma retrospectiva, sendo a “cegueira” inicial até mesmo uma pré-condição para que o colecionamento seja desenvolvido desprovido de qualquer censura ética, financeira ou política (BAL, 1994, pp. 101-102). Enfatiza-se assim que a impossibilidade de estipular um início exato para o colecionamento da BPG é parte do próprio processo de colecionamento.

Muricy salienta que a coleta dos documentos foi uma iniciativa exclusiva da equipe do Rio Office, num momento que nenhuma representação da LOC incluía materiais efêmeros produzidos por movimentos populares em suas coleções (MURICY, 28 abr. 2017).

Memória compartilhada por Ballantyne que ressalta certas dificuldades enfrentadas:

Lembro-me perfeitamente quando fomos a Washington, armadas com dois grandes arquivos pretos com exemplos do material, já organizado por grandes assuntos, e apresentamos aos nossos chefes (...) para propor a coleta sistemática, a organização por grandes assuntos e a microfilmagem desse material. (...) foi preciso argumentar muito com os bibliotecários de aquisição que eram contra o tipo de material, que não estava sendo colecionado pela Library em nenhum país. “Por que fazer uma exceção para o Brasil?”, diziam eles (BALLANTYNE, 17 abr. 2017).

A BPG é marcada pela relativa autonomia dos agentes envolvidos no projeto. Eles avaliaram o que poderia ser colecionado de forma a produzir um diferencial que imprimisse projeção institucional ao trabalho do Rio Office. Produziram assim uma coleção com assinatura própria. A base da criação foi a expectativa de fazer com que uma coleção brasileira, com materiais e conteúdo singulares, integrasse a grande “coleção das coleções” da Library of Congress.

O formato inicial de cada microfilme da BPG segue um mesmo padrão, demarcando a LOC como responsável por todo o processo de geração da coleção e consignando ao Rio Office o papel de sua organização. Esta “folha de rosto” serve assim como projeção na LOC do trabalho desenvolvido por seu escritório no Rio, bem como nas demais instituições receptoras da BPG e entre os pesquisadores que a utilizam como fonte de estudos. Afinal, os dados da coleção nas bases de acesso das instituições e as referências feitas por pesquisadores que a utilizam devem necessariamente consignar a autoria ao Rio Overseas Office da Library of Congress.

3.2 Materialidade e seus efeitos narrativos

Tornando a microfilmagem a etapa conclusiva da produção da BPG, a LOC possibilitou amplo acesso e garantiu a preservação dos materiais, ou melhor, da informação neles contida. Esta tecnologia foi por muito tempo a alternativa ao problema de espaço que assola grandes bibliotecas com coleções periódicas de dimensões crescentes, papéis de pouca qualidade e durabilidade, assegurando a preservação de grandes conteúdos em pequenos espaços. Além disso, por meio da rápida produção de cópias, os

microfilmes eram uma boa saída para ampliar a disseminação de fontes de informação.

A BPG, enquanto produto a ser consumido, só existe quando é submetida à unidade do microfilme. Após a microfilmagem, parte de seus pôsteres foi destacada e incorporada ao acervo da Prints and Photographs Division da LOC e o restante dos materiais originais foi enviado ao Rio Office para ser descartado em forma de doação ou permuta. Diferentemente do que a definição de Pomian sugere, nessa coleção, os materiais não estão presentes fisicamente nem organizados à espera de apreciação. Eles não guardam sua materialidade original: os objetos coletados existem como imagens, retratos do que pode não mais existir. A BPG é formada por reproduções organizadas de forma sequenciada e fechada. As publicações reproduzidas na BPG sempre serão transmitidas na mesma sequência originalmente atribuída pelo colecionador.

Roger Cardinal, por exemplo, identifica na coleção de livros gastos de um amigo a prova de que este é um colecionador de barganhas de mercados de pulgas e sebos de Londres. Esta característica provém de uma experiência localizada fora das prateleiras em que hoje os livros do colecionador se encontram e é o que o faz concluir que tal coleção desaparecerá após a sua morte, pois dificilmente suas prateleiras se manterão intactas. Ressalta assim que colecionador e sua coleção muitas vezes são inseparáveis. Sem a presença do seu amigo colecionador, os livros colecionados nem mesmo deverão ser percebidos como uma coleção (CARDINAL, 1994, pp. 69-70).

Do mesmo modo, poderia ocorrer com os materiais da BPG, também considerados publicações de “pouco valor”. Entretanto, o processo de microfilmagem que a configura modifica essa suscetibilidade. O suporte do microfilme evita o deslocamento, descarte e reposicionamento de seus materiais. Independentemente da continuidade do Rio Office ou das diretrizes das instituições que adquiriram cópias da BPG, enquanto seus microfilmes existirem e estiverem aptos a serem consumidos, a organização dos materiais que a integram será mantida e a autoria garantida a seu colecionador.

Bal considera a motivação do colecionamento o motor da narrativa. Para ela, a motivação é a chave, é o que faz o colecionador *collect on*, ou seja, dar início ao colecionamento e seguir colecionando. A motivação, que leva o leitor a prosseguir com certa leitura até o fim, faz o colecionador

prender-se a uma narrativa que vai sendo configurada por meio dos objetos que persegue. Mediante a perspectiva do *collect on*, Bal sublinha que a motivação subjaz ao início obscuro do colecionamento, fazendo parte de seu início inatingível (BAL, 1994, p. 102).

A partir dessa intangibilidade característica, percebe-se que a motivação inicial das coleções envolve subjetividades narrativas difíceis de serem alcançadas retrospectivamente. Para buscar compreendê-las, conversei com agentes envolvidos no processo de formação e organização iniciais da BPG. Em virtude das singularidades que animam o seu colecionamento, busquei captar aspectos subjetivos presentes em seu *collect on* sem ignorar que coleções, conforme vão sendo constituídas, costumam apresentar as motivações iniciais revestidas por outras formas e desenhos que se desenvolveram no decorrer do tempo.

Para Lygia Ballantyne, um dos fatores marcantes no processo de tornar materiais efêmeros foco de colecionamento do Rio Office teria sido a percepção de Peter Johnson sobre a importância dos movimentos populares no cenário político brasileiro. Bibliógrafo para a América Latina, Espanha e Portugal da Princeton University, Johnson foi responsável por décadas pela *Latin American Ephemera Collection*¹¹:

[...] Lembro do Peter Johnson em frequentes visitas ao escritório, falando da importância dos grupos populares de resistência à ditadura, do fermento político que ele reconhecia estar presente no Brasil, e da importância da situação privilegiada do nosso escritório para pesquisar e coletar esse material de pesquisa primário (BALLANTYNE, 17 abr. 2017).

Muricy reitera a importância de Johnson e do *Seminar on the Acquisition of Latin American Library* (SALALM) para o início do processo de colecionamento da BPG:

Peter Johnson, esse bibliotecário, era muito interessado pelo Brasil, América Latina, ele viajava para fazer contatos pela universidade e foi um que nos alertou sobre a importância desses grupos. Ah! E o SALALM foi também sem dúvida maravilhoso! Porque num determinado momento a gente também começou a frequentar o SALALM. [...] e o Peter Johnson logo colocou esse tópico num SALALM: “marginalized people”, “the popular movements” (MURICY, 28 abr. 2017).

¹¹ Essa coleção foi iniciada ainda na década de 1970. Peter T. Johnson foi o seu bibliógrafo responsável entre 1977 e 2003. Para mais informações, consultar: <https://libguides.princeton.edu/laec>.

O SALALM reúne assiduamente representantes das principais bibliotecas de pesquisa norte-americanas interessados em fontes latino-americanas. Agentes do Rio Office passaram a participar do seminário na década de 1970 e criaram ali um sólido canal de divulgação dos materiais coletados. Após a finalização do primeiro conjunto da BPG, o evento se tornou um dos principais espaços de divulgação da coleção. Anualmente, a equipe do Rio Office participa do SALALM, divulgando os trabalhos executados, com destaque para a BPG (OLAVE *et al.*, 2016, p. 8-9)¹².

Traçando um paralelo com o conceito de ativação de Eric Ketelaar, entende-se que o SALALM tem sido uma forma de ativação da BPG. Ele sugere ser o arquivo dotado de sentidos múltiplos, a partir das interferências as quais é submetido por meio da ação de arquivistas, curadores, instituições de guarda, pesquisadores etc. (KETELAAR, 2012, p. 25). Dessa maneira, participar do evento passou a ser uma maneira de legitimá-la e a seus colecionadores. E, por esse ângulo, fica mais clara a assertiva de que não apenas os colecionadores fazem a coleção, mas, na mesma medida, a coleção também faz – no sentido de instituir, projetar e legitimar – os colecionadores. A participação no SALALM e o interesse despertado pela BPG, por outro lado, funcionaram como motivação para o *collect on*, animando a sua continuidade.

Ketelaar ajuda a compreender como ativações promovidas por pessoas e comunidades se inserem em processos de definição de suas próprias identidades ao mesmo tempo em que constroem e reconstroem significados para arquivos, ou, sob o prisma aqui apresentado, para coleções. Pessoas, por meio do cultivo e uso de coleções, conferem significados a estas, mas também se autodefinem. Isso porque arquivos ou coleções não são artefatos estáticos, imbuídos da voz de um único criador ou submetidos a uma única motivação, mas envolvem infinito número de partes interessadas ao longo do tempo e espaço (KETELAAR, 2012, p. 19).

As bibliotecas norte-americanas, principais participantes do SALALM, são as grandes financiadoras da BPG. A aquisição dos microfilmes ocorre,

12 Uma cópia do *Power Point* da apresentação *Documenting Resistance and Resilience in Brazil: The Library of Congress Field Office in Rio de Janeiro*, proferida no SALALM LXI por Carlos Olave e Igor Fasano, foi concedida à autora em janeiro de 2017. Para mais informações sobre o evento, acessar: <http://salalm.org/Conf/salalm-events/2016-archive/>.

em grande medida, por meio do Cooperative Acquisitions Program (CAP), estabelecido desde 1990 no Rio Office. Como representante da Princeton Library, Peter Johnson frequentava o SALALM assiduamente¹³. Na medida em que a equipe do Rio Office compreendeu o interesse de Johnson nos materiais relativos a grupos populares da América Latina e como isso reverberava nos encontros do SALALM, a afeição ao material foi crescendo. O afã dos agentes do escritório pelas publicações de grupos populares brasileiros foi notadamente moldado a partir desse interesse.

A noção sobre a demanda entre os frequentadores do SALALM, bem como a crescente efervescência dos movimentos populares brasileiros e o entendimento de que a posição do Rio Office seria privilegiada para coletar materiais relativos a esses grupos foram aspectos cruciais para justificar a busca e consolidá-los como objetos “de valor”, dignos de colecionamento. Todos esses fatores são parte do *reach in*¹⁴ da BPG, pois compõem nuances subjetivas que permitiram ao Rio Office investir nesse colecionamento em busca de projeção para o trabalho executado. A coleção justifica a existência do escritório. Esse seria o sentido que o colecionador atribuiu à coleção internamente, obscurecido pelo *reach out* que é o “álibi ético ou educacional” da importância desses materiais para subsidiar estudos em instituições de pesquisa (BAL, 1994, p. 104-105).

Considerando ainda que a BPG é uma das pontas da política de internacionalização do acervo da LOC, entende-se que há um complexo conjunto de motivações por trás desse colecionamento. Em perspectiva narrativa, o início do início do colecionamento deve ser compreendido a partir de sua motivação e estas são motivações individuais, institucionais e políticas diversas, não existindo exatamente um começo de colecionamento para a BPG (BAL, 1994, p. 110).

Conforme observado na estrutura narrativa *in media res*, o começo de uma coleção, estipulado oficialmente pelo colecionador, não

13 Para mais informações sobre o SALALM, consultar: <https://salalm.org/about/organization/secretariat/>.

14 Para James Clifford, as coleções – especialmente as com acesso público – que parecem alcançar além das próprias (*reach out*), alcançam, de fato, por meio do aspecto subjetivo complexo e escondido que carregam, o interior delas mesmas (*reach in*), ajudando o colecionador a desenvolver um sentido próprio para elas enquanto fornecem uma espécie de álbi ético ou educacional para o mundo externo (CLIFFORD, 1988, p. 215-251 apud BAL, 1994, p. 104-105).

corresponde ao início do processo de colecionamento, marcando apenas o momento em que esta passa a existir formalmente. Segundo Pomian, este é o momento em que seus objetos passam a se relacionar a significados atribuídos pelo colecionador e não mais a funções que tinham fora do estado de itens colecionados.

Os objetos apresentados na BPG, em geral, eram direcionados a determinados grupos populares sobre seus direitos e reivindicações. A partir do momento em que o seu conjunto colecionado passou a ser disponibilizado a pesquisadores, tais materiais passaram a ter cunho histórico. O significado prático e individual de convocar e organizar grupos de resistência e reivindicações abriu espaço ao simbólico, associado a um panorama sobre os movimentos sociais no Brasil de determinado período. Na BPG, o significado de cada documento está intimamente atrelado ao conjunto serial do qual se tornou parte.

O esboço da narrativa da BPG estava sendo produzido já nas primeiras viagens de campo feitas pelas bibliotecárias do Rio Office. A busca e a seleção dos materiais se pautaram na percepção dessas funcionárias sobre quais retratavam as lutas populares em voga no Brasil, noção que conjugava a experiência individual e social de cada uma delas com a profissional, na qual tanto a cultura institucional quanto o desejo de promover o trabalho do Rio Office estavam representados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conjuntura política e institucional que permitiu ao Rio Office ser um dos Overseas Offices ainda em atividade trouxe para a sua rotina de trabalho a função de superar a possibilidade de automatização das atividades nele desenvolvidas. Questão de sobrevivência, essa “ameaça de extinção” passou a nortear os trabalhos produzidos.

Dentro dessa chave, a BPG foi constituída e sua narrativa elaborada. Certas influências que direcionaram o discurso de seu colecionamento foram aqui identificadas através da análise de dados disponíveis na própria coleção, de informações encontradas por intermédio de agentes que participaram de sua produção e também de documentos da própria LOC. Conferiu-se que a centralidade do colecionador durante o processo de colecionamento se deu tanto pela seleção dos materiais quanto pela narrativa

elaborada, por meio da qual publicações com origens distintas passam a ser identificadas enquanto partes de um conjunto único.

Notou-se ainda que, da mesma forma que o discurso narrativo elaborado pelo colecionador engendra significados à coleção, a coleção atribui significados ao colecionador. Se o Rio Office criou, a partir de uma narrativa própria, a noção de conjunto para os materiais da BPG, esta trouxe projeção ao escritório, atribuindo-lhe maior alcance institucional, entre outros significados.

Colecionada por cerca de 30 anos, a BPG sofreu modificações internas relacionadas aos contextos sócio-políticos e institucionais de cada momento. Diante das mudanças, pouco a pouco, os novos suplementos produzidos introduziam alterações diversas que imprimiram novas características à coleção. Preservou-se, porém, uma identidade, ancorada no sentido de unidade atribuído por meio de um mesmo título geral (o que sugere haver uma temática comum a todos os materiais colecionados sob a BPG), de um único suporte (o microfilme) e de um colecionador (o Rio Office).

Essencialmente microfilmada, a BPG resistiu ao progressivo alcance social e político do meio digital, provocando mudanças profundas nas instituições de acervo. Por se tratar de um suporte material que apresenta de forma contínua e linear determinada sequência de materiais, o microfilme é um meio analógico de representação do real. Mais do que o formato original e em menor proporção do que o digital, ele possibilita considerável acesso às fontes. Por outro lado, impõe mais limites, minimizando possíveis intervenções externas, o que garante, em certa medida, a preservação da narrativa do colecionador. A partir dessa ótica, o microfilme confere maior projeção ao colecionador do que o conjunto dos documentos originais e digitais.

Apesar de o suporte do microfilme ser uma das características que ancoram a identidade material da BPG, com o crescente movimento de digitalização entre as instituições de acervos, era natural que a coleção se adaptasse. O fim da coleção *Brazil's Popular Groups* ocorre em 2018, coincidindo, não por acaso, com o início da digitalização dos materiais que formariam os seus próximos suplementos.

A LOC fechou um acordo com a Princeton University Library para a digitalização dos materiais sobre movimentos populares do Brasil coletados pelo Rio Office do ano de 2017 em diante. Estes continuaram a ser

recolhidos, mas não fazem mais parte da BPG, cujo último suplemento produzido foi o do ano de 2016. A partir disso, o conjunto reunido a cada ano passou a ser digitalizado e disponibilizado pela *Latin American Ephemera Collection*.

Além de as novas tecnologias digitais suprirem a demanda crescente de usuários remotos, outro empecilho à continuidade da BPG foi o fato de os folhetos e publicações seriadas, suas matérias-primas por natureza, não terem mais a mesma representatividade entre os movimentos populares da década de 1980 até o entorno dos anos 2000. Com as mudanças implementadas na sociedade pela revolução digital, os materiais reproduzidos na BPG não têm a mesma capacidade de projetar o trabalho do Rio Office. Logo, a interrupção da BPG não tem hoje o mesmo significado e representatividade para o seu colecionador.

Na era digital, a distribuição da informação pressupõe uma biblioteca sem muros, onde a questão que se impõe é a possível revolução nas formas de disseminação e apropriação (CHARTIER, 1995, p. 49). A partir da promoção dessa ideia, os “muros” presentes na BPG – representados por uma sequência fechada e linear atribuída por seu colecionador e disponibilizada pelos microfilmes que devem ser acessados nas instituições que os possuem – ao invés de refletirem positivamente o papel decisivo do colecionador para a coleção, passam a caracterizá-lo como um ente ultrapassado, pois, em lugar de promover o livre acesso, acaba por cerceá-lo.

O Rio Office se rendeu então a esse cenário incontornável, permitindo que a revolução digital chegasse à BPG. O mote da decisão foi o mesmo que motivou o colecionamento: a autopreservação. Angariar materiais para contribuir com a acessibilidade digital a partir de um acordo interinstitucional significa assegurar a continuidade do trabalho de coleta ali desenvolvido, garantindo a sua permanência na LOC por mais tempo.

Apesar de a revolução digital ter imposto ao Rio Office um fim para a BPG, o *know-how* adquirido com a sua produção se revelou essencial para a sua adaptação à nova realidade. Os canais de coleta consolidados ao longo dos anos lhes permitiram realizar a tarefa de intermediar o acesso da Princeton Library aos materiais desejados.

A BPG, seja em seu início, meio ou fim, refletiu, projetou e estimulou o seu colecionador. Ela deixou de existir formalmente, mas ele mantém a sua atividade de coleta. A coleção impulsionou o colecionador, atestou a sua expertise. Coleção e colecionador, neste caso – e, certamente, em muitos outros –, têm trajetórias capazes de iluminar aspectos amplos da realidade histórica e social na qual estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- BAL, Mieke. Telling Objects: A Narrative Perspective on Collecting. In: ELSNER, John; CARDINAL, Roger (Org.). *The Cultures of Collecting*. London: Reaktion Books, 1994. p. 97-115.
- BALLANTYNE, Lygia Maria Flores da Cunha. *Re: Pesquisa sobre a história da BPG* [mensagem pessoal]. Mensagem de e-mail enviada à Carmen Muricy com cópia Rafeala Bettamio, 17 abr. 2017.
- BAUDRILLARD, Jean. The System of Collecting. In: ELSNER, John; CARDINAL, Roger. *The Cultures of Collecting*. Londres: Reaktion Books, 1994, p. 7-24.
- BETTAMIO, Rafeala. *Brazil's Popular Groups: história e significados de uma coleção da Library of Congress*. 2018. 215 fls. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean (org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p.105-145.
- CARDINAL, Roger. Collecting and Collage-making: The case of Kurt Schwitters. In: ELSNER, John; CARDINAL, Roger (Org.). *The Cultures of Collecting*. London: Reaktion Books, 1994. p. 68-96.
- CHARTIER, Roger. Libraries Without Walls. In: BLOCH, R. Howard, HESSE, Carla (org.). *Future Libraries*. Los Angeles: University of California Press, 1995. p. 38-52.
- COLE, John Y. The International Role of the Library of Congress. In: COLE, John Y. AIKIN, Jane (org.). *Encyclopedia of the Library of Congress: For Congress, the Nation & the World*. ed. Washington (D.C.): Library of Congress; Lanham: Bernan Press, 2004. p. 45-51.
- FABIAN, Johannes. Colecionando Pensamentos: sobre os atos de colecionar. *Mana*, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 59-73, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132010000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 3 dez. 2020.
- HOWARD-REGUINDIN, Pamela. Brazil's Popular Groups Microfilm Collection from the Library of Congress. University of London, Online library for humanities research outputs. London, 4 July 2005. Disponível em: <http://sas-space.sas.ac.uk/2792/1/howard-reguindin.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2018.
- KETELAAR, Eric. Cultivating Archives: meanings and identities. *Archival Science*, v.12, n.1, p. 19-33, mar. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/251401077_Cultivating_archives_Meanings_and_identities. Acesso em: 14 dez. 2021.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 21-44.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

LIBRARY OF CONGRESS. *General Information*. Library of Congress website. Disponível em: <https://www.loc.gov/about/general-information/>. Acesso em: 8 fev. 2018.

LIBRARY OF CONGRESS. *WorldCat database*. Washington (D.C.): Library of Congress. Disponível em: <https://www.worldcat.org/libraries/45266>. Acesso em: 9 jan. 2017.

LIBRARY OF CONGRESS, Overseas Office Rio de Janeiro. *Brazil's Popular Groups*. Washington (D.C.): Library of Congress Photoduplication Service, 1988-2016. Microfilme.

LIBRARY OF CONGRESS, Overseas Office Rio de Janeiro. *Brazil's Popular Groups – Introduction*. Website. Disponível em: <https://www.loc.gov/acq/ovop/rio/bpg/index.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

LIBRARY OF CONGRESS, Overseas Office Rio de Janeiro. *Brazil's Popular Groups – Movimentos Populares Brasileiros*. Rio de Janeiro: Library of Congress Overseas Office. Folheto.

MURICY, Carmen. Entrevista concedida a Rafaella Bettamio. Rio de Janeiro, 28 abr. 2017. Arquivo sonoro digital. (138 min).

OLAVE, Carlos; FASANO, Igor. Documenting Resistance and Resilience in Brazil: The Library of Congress Field Office in Rio de Janeiro. [PowerPoint] *SALALM LXI: Nuestro norte es el sur: Mapping Resistance and Resilience in Latin American, Caribbean, and Iberian studies*. Charlottesville (VA), 2016.

PEARCE, Susan. *On Collecting: An Investigation into Collecting in the European Tradition*. Londres: Routledge, 1995.

POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. In: *Enciclopédia Einaudi, História-Memória*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. v.1.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

STOLER, Ann Laura. Colonial Archives and the Arts of Governance. *Archival Science*, n. 2, p. 87-109, 2002. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02435632>. Acesso em: 14 dez. 2021.

TCHEN, John Kuo Wei. Who is Curating What, Why? Towards a More Critical Commoning Praxis. *Museum and Curatorial Studies Review*, v. 1. n.1, p. 5-25, Summer 2013.

VIGEVANI, Tullo. *Terceiro mundo (conceito e história)*. São Paulo: Ática, 1990.

